

PEDRO CARDOSO

**FOLCLORE
CABOVERDEANO**



EDIÇÕES
MARANUS

665.8)

Folclore Caboverdeano



BIBLIOTECA UNIVERSITARIA
LAS PALMAS DE GRAN CANARIA
N.º Documento 496676
N.º Copia 857214

PEDRO CARDOSO

Folclore Caboverdeano



Pôrto — 1933

EDIÇÃO MARANUS

174, R. dos Mártires da Liberdade, 178

Telefone 2798

Composto e impresso na EMPRESA
IND. GRÁFICA DO PORTO, L.da
174, R. Mártires da Liberdade, 178
Telefone 2798

... Sr. Pedro Cardoso

Li dum fôlego o seu magnifico manuscrito sôbre o Folclore Caboverdeano e devolvo-o com agradecimentos. É um valioso subsidio para uma obra mais vasta e completa sôbre a etnografia do Arquipélago, da qual o assunto, sôbre que V. produziu tam belas pàginas, constitui um capitulo importante.

Cabo-Verde presta-se a grandes estudos.

A sua història, pròpriamente dita, està mais ou menos feita, mas, quanto à sua etnografia, nos seus diversos aspectos e modalidades, pouco ou nada vejo escrito.

E, no entretanto, a història hoje adquire mais valor, fixa-se melhor, quando as ciên-

cias antropológicas a iluminam com os lampejos das suas investigações acêrca da raça, dos usos e costumes, lendas, mitos, superstições, cantares e folclore dos países a que respeita.

Muitos factos históricos, que às vezes nos parecem inexplicáveis, têm a sua origem nos caracteres étnicos, nos fenómenos sociais do respectivo povo.

Que eu saiba, o trabalho de V. é o primeiro no género em relação à etnografia desta Colónia, e por isso mesmo merece V. os mais entusiásticos aplausos por se ter dedicado a semelhantes estudos. Eu desejava que V. prosseguisse nêles com mais ardor e desenvolvimento. Marcaria assim um lugar na pléiade dos publicistas cabo-verdeanos.

E, por último, se a amizade dà lugar a um conselho, sugeria-lhe a conveniência de,

no Folclore Caboverdeano, pôr ao lado das mornas em crioulo a sua tradução em verso ou livre, que assim o leitor teria o prazer espiritual de gozar das delicias que a musa caboverdeana imprimiu a êsses cantares, dolentes e langorosos, enternecedores, ardentes na paixão que reproduzem, suaves nas saudades que evocam.

Felicitando, pois, o meu Amigo, por êsse interessante trabalho, espero que o dará sem delongas à luz de publicidade. Prestará assim um bom serviço à sua pátria e à literatura.

Concluo prezando ser com muita consideração

De V.

Amigo e apreciador,

Praia, 10-4-31.

J. B. Amâncio Gracias.

1460

1.º de Maio! Manhã serena e luminosa. Céu de cobalto e mar de esmeralda. Dois imensos espelhos reflectindo-se em cambiâncias de imaginoso aguarelista.

Ao longe, para as bandas do Ocidente, farrapos de nuvem baloçam pendentemente algumas dezenas de côvados sôbre o horizonte.

As duas caravelas, a do português Diogo Gomes e a do genovês António de Nóli, haviam deixado, dois dias antes, o pôrto de ZAZA dos Barbacins e navegado sempre de companhia rumo NW.

Eis senão quando, da gávea da caravela dianteira soa e ressoa a voz do gajeiro:



Arquipélago de Cabo-Verde

AUTÓGRAFO
de
GAGO COUTINHO

A posição geográfica do Arquipélago de Cabo Verde, e especialmente das ilhas de Sotavento, torna inevitável o seu aproveitamento como estação da aviação comercial para a América do Sul. Mas não pensemos que o possam ser sem um porto aéreo devidamente apetrechado.
Praia - 1921 - Junho - 3
Gago Coutinho

A posição geográfica do Arquipélago de Cabo-Verde, e especialmente das ilhas de Sotavento, torna inevitável o seu aproveitamento como estação da aviação comercial para a América do Sul. Mas não pensemos que o possam ser sem um porto aéreo devidamente apetrechado.

Praia-1921-Junho-3

Gago Coutinho

Terra! Terra! A tripulação acorre alvoroçada.

Uns trepam à amurada, outros aos coruchéus, todos escrutando os longes na direcção indicada pelo braço estendido do gajeiro.

As caravelas parecem tomadas da ansiedade que domina a equipagem. Panos cheios, deslizam, voam. Através da cortina diáfana das nuvens, avultam nítidos os contornos de alterosa montanha. Já para ali as proas se inclinavam, quando, como a barrar o caminho, surge outra de menor altura, porém de base mais dilatada. Enflam-na e, antes de a atingirem, uma terceira se mostra baixinha, rasando o mar!

Foi assim que, ao primeiro dia do mês de Maio do ano da graça de mil quatrocentos e sessenta, reinando em Portugal D. Afonso, 5.º de nome e 3.º da gloriosa

Dinastia de Avis, Diogo Gomes e António de Nôli avistaram pela primeira vez três ilhas do Arquipélago de Cabo-Verde, que, em memória da data do descobrimento, foram bătizadas com os nomes de Santiago, S. Felipe e Maias.

I PARTE

FOLCLORE CABOVERDEANO

Folclore é vocábulo aportuguesado do inglês «Folk» (povo), «Lore» (saber), não sabemos se inventado mas proposto, em 1846, por W. J. Thoms, para representar o conjunto de factos correlativos, conhecidos sob várias denominações, tais como lendas e ritos, jogos e danças, romances e cantigas, etc.

Englobando e versando semelhantes temas, constitui-se, sem dúvida, parte integrante da ciência etnográfica, se a sistematização dos conhecimentos por esta ministrados nos autoriza tal classificação.

O estudo do nosso «Folclore» implica conhecimento perfeito do dialecto e, consequentemente, convivência de espaço e íntima

com o povo, assistindo às suas festas, jogos e trabalhos, e ouvindo os seus cantares e adágios, suas lendas e superstições.

Sôbre a matéria nada há ainda feito, nada escrito com método e seriedade.

Uma ou outra notícia, de vez em quando estampada em almanaques e jornais, tendo por tema o insólito de certas usanças e costumeiras, envolve quasi sempre o propósito de ridicularizar a «selvagidade» indígena.

Propondo-se a tam mesquinha finalidade, fica tôda e qualquer notícia, assim estreita e errôneamente orientada, adstrita ao papel anódino de meras curiosidades anedóticas.

No Folclore caboverdeano deparam-se, é certo, reminiscências de crenças e ritos gentílicos, notòriamente na ilha de Santiago (batuque, tabanca, etc.), onde predomina ainda o elemento etíope sem mescla.

Em geral, porém, transunto do nosso modo de ser psico-social, nêle palpita vívido, contínuo e preponderante, em tôdas as modalidades de sua expressão, o fundo tradicional português, quer se concretize modelando o barro das bilhas «choronas» e acepilhando o cavername dos «lambotes» costeiros, quer se imponderalize em sonhos

e quimeras, inventando melodias, lendas e canções.

A música crioula não se resume na «morna» somente, nem esta provém de outra origem que não a do povo que a criou e à sua langorosa cadência se embala, ama e trabalha.

A melopeia com que a raça cativa amenizava as agruras do exílio forçado, e a trôva em que emigrados e embarcações cantavam a saudade da Pátria distante, contaminando-se e fundindo-se, produziram a «morna», que «em ritmo polariza a Alma Caboverdeana».

Encerrando o parêntese, revertamos.

As nossas observações e colheitas acêrca do «Folclore» poético e musical de Cabo-Verde respeitam às ilhas de Fogo, Santiago e Brava, que ao das outras só nos podemos referir por informações, perfuntôriamente.

Há na minha terra (Fogo) certa música que tira o nome dum antigo e afamado violeiro, Rodrigo, a cujo compasso as «cantadeiras» cantam ao desafio, naturalmente em quadras, donde «codrâ», «quadrar», na acepção bárbara de «trovar».

Quanto à métrica, é de notar que essas cantigas saem, na maioria dos casos, em quebrado de redondilha maior ou em octos-sílabos, facto que julgamos poder atribuir à abundância de vocábulos oxítonos e dissilábicos.

Há-as também em redondilha maior, mas de origem mais ou menos literária.

Ao gôsto popular e adaptáveis à música «rodrigo», se compuseram as que a seguir reproduzimos, para exemplo e estudo comparativo:

Oh, pamode?!

M'obiba noba de nhá...
Que noba ê cumâ bento,
Que tâ andâ pâ tudo mundo
Sim parâ um só mômôto...

M'obiba noba tam sabe
Que m'cunçâ tâ crê nhá cheu...
Mâ nhâ era mäs frumôs cara
Que Nhôr Dês botâ de céu!

M'temba, dixâ-m' frâ nhá craro,
Tanto gana conchê nhâ
Que m'dijijâ mi era passo
Pa m'bemba na ar tâ boâ.

Jâ-m'olhâ gô m'ê bardade
Cusa, que és frâ, muto más!...
Oh Déos! oh mundo! oh pamode!
M'cal sérba inda rapaz?!
—

Vamos analisar algumas palavras, buscando, quanto permita o nosso diletantismo filológico, descobrir-lhes as formas evolutivas.

Comecemos pela epígrafe:

Pamode, de «por-môr de», coexiste com *paqui* (Sam Nicolau: *pachê*).

Obiba representa pret. imp., m. q. perf. do Indic., pres. do cond., e pret. imp. do subjuntivo. A desinência *ba(va)* do imp. da 1.^a conjugação estende-se por analogia às outras conjugações que são tantas quantas as vogais: *cantaba*, *sabêba*, *obiba*, *jongotoba*, *bambuba*. Assim os participios passivos: *cantado*, *sabêdo*, *obido*, *jongotodo* e *bambudo*.

Sabe, de «suave» (ou «saber, ter o sabor de»?).

Cheu (ch = tch), de «cheo, cheio».

Cunçá, de «com'çar, começar».

Crê, de «q'rer, querer».

Frumós, de «fremoso, formoso».

Dixá-m' = *xâ-m'* (deixe-me).

Gó, gora, agora.

Em *frumós* observa-se, além da tendência geral para a queda das sílabas átonas, reduzindo os vocábulos ao monossílabo da tónica, a influência de consoantes em vogais, causando a mudança do *e* átono em *u* com a tracção da líquida *r*: *vermelho-burmelho-brumelho* (lh=dj); *primeiro-prumero-prumer*.

Bemba (vinha) deriva da 3.^a pess. do pres. do Indic. «vem», e é, ali no verso, infinito com a flexão designativa do pret. imp.

Olhá (lh=dj) absorveu semânticamente o verbo «ver», que não se usa, naturalmente para se evitar ambigüidades e equívocos com o verbo «vir» (bem).

— *Pamode m' ca-l serba* (Porque eu não seria?).

Ca, como advérbio de negação, sabemos (assim no-lo ensina Marques Barros numa nota da «Literatura dos Negros») ser de origem africana, coexistindo com *cana* na nossa Guiné.

Mas aquele *l*?

Ouvimo-lo às vezes com o valor da prep.

de: *M'obiba nõba-l nhã*, diz-se na linguagem vulgar.

A preposição *de* só se emprega no linguajar comum, quando aguda a palavra regente: *casacôm de franela, casáco-l franela*.

À nosso ver é letra paragógica a prolongar por eufonia os paroxítonos, mas exercendo sempre aquela função prepositiva.

Dá-se com *ca-l* a crase *ca* e *al*, equivalente êste a *ha-de, havia-de, haveria-de*.

A frase *pamode m'cal serba* deve traduzir-se assim: porque não seria, não havia ou não haveria de ser?

O dialecto caboverdeano é o português da época dos descobrimentos, alterado fonética e morfológicamente ao contacto com os falares do gentio resgatado na costa da Guiné para o desbravamento e amanho das terras.

Essa alteração operou-se em virtude da conhecida lei de *economia*, ao adaptarem-se os vocábulos da língua do *senhor* aos órgãos fonadores do *cativo*.

Sendo, porém, mínima quanto à sintaxe,

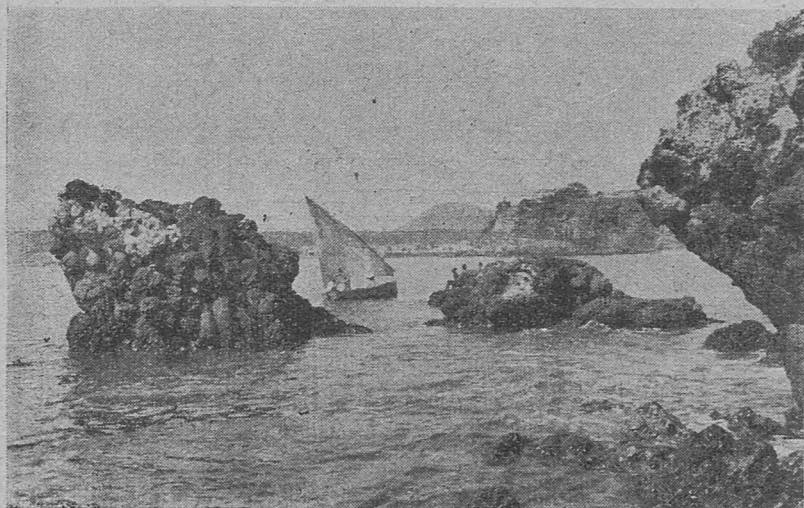
como se constata dos trechos que em lugar próprio se transcrevem, reputamos errôneo o conceito de que seja o nosso dialecto uma *língua de trapos*, isto é, uma amálgama de vocábulos portuguezes e exóticos desfigurados nos tórculos constringidores da gramática do mandingo aglutinante.

Provocada pelo desenvolvimento da instrução primária — nula nos dois primeiros séculos da colonização — e pela freqüência e sempre crescente facilidade de relações entre a Colónia e a Metrópole, a tendência actual do falar crioulo verifica-se tôda de correcção, dando-se amiúde, quer na conversação quer na escrita, o aportuguesamento de frases genuinamente dialectais.

Devido a factores de diversa ordem, como o insulamento, a maior ou menor percentagem dum dos elementos étnicos fusionados etc., as nossas ilhas, até algumas localidades dentro da mesma ilha, não apresentam homogeneidade fonética.

Eugénio Tavares, poeta e prosador dos mais vigorosos, súbitamente falecido a 1 de de Junho de 1930, escrevia, em 1924, no quinzenário *O MANDUCO*, de que fomos o fundador e o proprietário: «O carácter

do povo caboverdeano está, mais ou menos, pitorescamente, expresso na tonalidade dos seus dialectos, que variam de ilha para ilha, como de ilha para ilha varia o perfil fisico».



Pôrto da Praia

Eugénio Tavares era natural da ilha Brava, em cujo dialecto compôs (letra e música) muitas *mornas* e *manilhas*, que se popularizaram, cantando-se, por todo o Arquipélago.

O falar da Brava assemelha-se, pela sua tonalidade dulçorosa e cantante, ao da Ma-

deira, donde, em verdade, procede o contingente mais importante dos primitivos povoadores daquela ilha, e oferece a curiosa inversão fonética do *ê* (fechado) e *é* (aberto), a ponto tal que se converte em vício inextirpável mesmo naqueles que se exprimem em português sintaticamente correcto.

Referindo-nos ao saudoso e grande poeta que foi Eugénio Tavares, por alguém justamente apelidado «o Catulo-Cearense Caboverdeano», acode-nos à pena um outro nome não menos saudoso e ilustre, o do Cónego António Manuel da Costa Teixeira, a cuja memória está ainda por fazer a devida justiça.

O Cónego Teixeira foi um lutador incansável, uma inteligência arguta e o iniciador, entre nós, do estudo do *folclore* regional, como consta dos dois números do almanaque «Luso-Africano» que fundou e dirigiu, e da publicação que organizou em homenagem a D. António Moutinho, bispo de Cabo-Verde e, ao depois, de Portalegre, na qual fêz estampar várias composições em português e crioulo, quer de lavra própria quer da de outros caboverdeanos, a seu convite concorrentes à homenagem.

Extractamos parte da inserta a pág. 15, sob o título *Despedida de S. Nicolau*, composta pelo referido Cónego no crioulo daquela ilha, e damos em seguida a respectiva tradução no de Santo Antão e Fogo.

CRIOULO

De S. Nicolau :

Falode cmâ Senhor Bisspe
Ja ta ta bai se camim !
Oh sodade ! Ma pachê, an ?
Na Cab-Verde ê tud assim !
 Maior ê Déuss !
Chem ê runh ca ta morrê,
Chem ê bom ca ta durâ !
Côsa sabe ta cabâ dpressa
Côsa runh ca ta cabâ !

De Santo Antão :

Ês ti tâ dizê cmâ Senhor Bisspe
Ja ti tâ bê sê quemim !
Adeâ ! Ó gente, cês t't'oiá ! ?
Na Cab-Verd ê tud assim...
 Oh Déos, peciença !
Quem ê ruhn, enn' tâ morrê,
Quem ê bom enn' ta derá !
Côsa sêb ta cabâ dpressa,
Côsa runh enn' ta cabâ !

Do Fogo :

Frado cumó Senhor Bispo
 Satâ bá sê caminho.
 Oh! pamode, nha guentes?!
 Na Cáo-Berde ê tudo sim!...
 Ma Déos ê grande!
 Arguêm runho câ tâ morré,
 Arguêm bom câ tâ durâ
 Cusa sabe tâ cabâ dipressa,
 Cusa fêde câ tâ cabâ.

*Outros exemplos :**De Santo Antão :*

Sês dizebe quem dizê, dizê's cmâ dizido que
 dizê; paquê se bô dizê cmâ mi ê que dize-be, m'ta
 dizê cmâ bô ê que dizê-m'.

De S. Nicolau :

Sês falo-be chêm falâ, falâ's cmâ falode que
 falâ; pachê, se bô falâ cmâ mi ê que falo-be, m'ta
 falâ cmâ bô ê que falâ-m'.

Do Fogo :

S'ês frá-bo quem que frâ, bu ta frá-s mê frado
 que frâ; pamò, se bu frâ mê mi que fra-bo, m' ta
 frâ mâ bô que frá-m'.

De Santiago :

Sê-s fla-bo quêm que flâ, bu tâ flâ-s mâ flado que flâ; pamòde se bu flâ mâ mi que flâ-bo, m'tâ flâ mâ bò que flâ-m'.

Versão :

Se te preguntarem quem è que disse, dirás que «diz-se» è que disse; porque, se disseres que eu è que disse, direi que tu è que disseste.

Confrontando êsses trechos entre si e com os especímenes que mais adiante reproduzimos, vemos incontrovertidamente corroborada a nossa afirmativa de que o estudo do *folclore* caboverdeano implica o conhecimento, até às minúcias, dos falares peculiares a cada ilha, e das várias causas influídas nos costumes, carácter e psicologia dos habitantes.

* * *

O povo inventa a cada passo termos para exprimir certas ideias e factos que, pela novidade ou pelo burlesco, o impres-

sionem fortemente, perturbando como de improviso a sorna pacatez do seu espírito.



Tipos de Cabo-Verde

Em virtude da corrente emigratória entre Cabo-Verde e os Estados-Unidos, estabelecida de alguns anos a esta parte, vai aparecendo acrioulado um ou outro vocábulo inglês, mas felizmente de uso restrito e de vida bastante efémera, não resistindo à troça dos que não saíram da terra e se opõem caturramente, num inconsciente purismo, à introdução pretenciosa de novidades da *estranja*, de que sói fazer gala a *pascacice* dos «torna-viagem», como índice de terem visto mundo.

O crioulo da Brava e de S. Vicente é o

que apresenta mais desenvolvida lista de neologismos de procedência anglo-americana, principalmente de significação pejorativa.

Citemos alguns :

Tritâ	oferecer, obsequiar	(de To treat)
Mine	dizer, significar	(de To mean)
Bolacho	surradeira	(de board wash)
Valiz	maleta	(de valise)
Springue	colchão de arame	(de spring)
Godème	sôco	(de go with them)
Sêlò	interjeição significando navio à vista	(de sail off)
Trôsa	calças	(de trowsers)
Ovacôte	sobretudo	(de over-coat)
Sanababiche e sanabagana		(Son of a bich, son of a gun)

CABO-VERDE E BRASIL

I

Como no nosso dialecto aparecem um ou outro vocábulo de origem brasileira e muitos semelhantes, pôsto que com diverso valor semântico; como são pouco diferenciadas as transformações sofridas pelo português aqui e nas terras de Santa Cruz; como das raças, de cuja mestiçagem saiu o povo irmão de Além-Atlântico, duas constituem o fundo étnico da nossa população, e, também, porque algumas das quadras em crioulo, que formam a segunda parte dêste estudo, são traduções ou adaptações de outras oriundas da musa anónima brasileira, não devemos passar adiante sem especial referência ao riquíssimo *folclore* da grande República Sul-Americana, já suficientemente estudado

e recolhido por altas competências filológicas e literárias, desde Melo de Moraes e Silvío Romero a Afrânio Peixoto e João Ribeiro.

Senhor de uma independência já secular e dono do imenso e opulento território, que se estende das praias do Atlântico às faldas dos Andes, e da serra do Pacará às pampas do Rio La Plata, o povo brasileiro atravessa actualmente aquele período de evolução por um dos seus filhos mais ilustres qualificado de «estado vialácteo».

O seu sentimento de brasilidade é, porém, real, vivo e forte: aquece, fecunda e domina.

Aflorado em época anterior à Inconfidência, tem vindo, através do tempo e do espaço, definindo-se, concretizando-se nos gestos e feitos dos seus estadistas, nos cantos dos seus poetas, até dilatar-se no da continentalidade vigorosamente expresso nos tentâmenes poéticos e sociológicos da sua irrequieta e seivosa juventude, da qual é justo destacar, para o nosso aplauso caloroso, aqueles que com nobilíssima intenção patriótica dão preferência aos temas essencialmente nacionais.

* * *

Os portos destas ilhas foram sempre escala obrigada para as embarcações procedentes da América do Sul, ou que, da Europa, para ali se dirigem :

No princípio da Colonização, o da Ribeira-Grande e depois o da Praia, ambos na ilha de Santiago; e, desde a passagem de D. João VI por S. Vicente, o do Pôrto-Grande e concomitantemente os das ilhas salineiras.

Assíduas as nossas relações em todo o período colonial, tiveram sensível incremento durante a administração da Companhia do Grão-Pará e Maranhão.

Muitos escravos, então vendidos para as províncias equatoriais, eram nascidos em Cabo-Verde.

Dos patriotas da Inconfidência, dois foram para aqui deportados :

Domingos Vidal Barbosa, que faleceu na Cidade da Ribeira-Grande, e José Resende Costa, que deixou descendência na ilha de Santiago.

Até houve quem conspirasse na capital da Colónia, procurando arrastar o povo à

adesão ao movimento separatista, iniciado pelo príncipe D. Pedro nas margens do Ipiranga, ao brado de: «Independência ou morte!»

O intercâmbio comercial manteve-nos em contacto por largo tempo.

Por fim, cessou de vez o tráfego de sal que fizera a efêmera prosperidade de três das nossas ilhas hoje mais decadentes.

Actualmente só o Pôrto-Grande de S. Vicente continua sustentando relações directas com o Brasil, recebendo e transmitindo às outras ilhas, com os produtos da sua indústria, músicas, cantos, modinhas, expressões e até modas tipicamente brasileiras.

Não obstante todos estes factos e o da semelhança dos costumes e comunidade de linguagem, nunca se chegou a estabelecer uma corrente de emigração entre esta Província e aquela República, como já a houve bastante intensa para a América do Norte.

Todavia a influência brasileira é espiritualmente mais extensa que a norte-americana.

É que, produto de factores em partes iguais e trabalhado por agentes de natureza

idêntica, o caboverdeano é, como o brasileiro, no dizer de Sílvio Romero, um mestiço físico e moral.

Assim, o nosso emigrante quási sempre ali se fixa.

O meio não o repele como na pátria do Tio Sam; antes, pelo contrário, o atrai e prende.

Com efeito, somos irmãos, embora nascidos em hemisférios diferentes.

Irmãos no sangue e na linguagem.

Sôbre o berço de um e outro debruçou-se, cantando os mesmos rimances embaladores, e, entre beijos de infinita ternura, a um e outro nos ensinou a orar ao mesmo Deus de misericórdia, essa Cornélia lendária, Mãe e nutriz de semideuses, que, ao armar-nos cavaleiros para os certames da Vida, nos deu a comungar a sua Alma divina e heróica, consubstanciada na eucaristia sagrada de *os Lusíadas*.

II

A etnografia brasileira caracteriza-se por modalidades várias conforme os grupos em que se subdividem as populações: praieiros, matutos e sertanejos.

Assim, de Norte a Sul, os divertimentos populares: o baião e as emboladas, os reizados e cateretês, os sambas e chibas, etc.

Em Cabo-Verde há-os também característicos, e todos se prendem originariamente às festividades religiosas, sendo tradicionais em Santo Antão as romarias por S. João e S. Pedro, estrondeantes de zabumbas; em S. Nicolau, as longas e intermináveis procissões, precedidas de missas solenes; no Fogo, os *reinados* com os seus têrços cantados, e as *bandeiras* com os seus «pilões», *canizade* e cavalhadas, tudo ao ritmo do imprescindível tambor; e em Santiago, cuja população campesina se encontra menos evoluída, os *batuques* escaldantes de sen-

sualidade e as *tabancas* com os seus reis e rainhas, suas superstições e cabalas.



Caboverdeanos na América

Na Brava, onde t \hat{o} da a gente \acute{e} povo e o povo cidad \hat{a} o, as festas apresentam em geral um car \acute{a} cter de modera \acute{c} o e suavidade, pr \acute{o} prio da \acute{i} ndole pac \acute{i} fica e modesta dos habitantes.

Não os perturbam a estridência e a flâmância das *bandeiras*, nem as violências e cruezas lúbricas do *tôrno*.

Quanto aos *balhos*, remate de tôdas as diversões populares, hoje — *le monde marche*—dança-se, igualmente na choupana mais humilde, dúbiamente alumiada por vélho e fumarento candeeiro de petróleo, como no salão mais presuntuoso, iluminado *a giorno* por constelações de globos eléctricos, o tango, cujo compasso parece plagiado à morna, o maxixe e o *passo de raposa*, em seguida a uma quadrilha de lanceiros. Tudo isso entremeado, por vezes, de garganteios de modinhas e fados tomados de memória ao gramofone — êsse pregoeiro inconsciente da civilização quinta-essenciada às tribus ignaras das terras.

Seja nos sambas e cateretês dos praieiros, ou nos feitiços e abusões dos curandeiros caribocas; seja nos bailes dos *sampalhudos* e batuques dos *vadios*, ou nas rezas e mezinhas dos *jacobosos*, há flagrantes vestígios comuns às duas raças que, fundidas ao fogo do Equador, estatuaram em bronze o tipo mestiço daqui e de Além-Atlântico, cuja unidade etno-fisiológica, po-

rêm, levará ainda séculos para se realizar na integração completa e equilibrada dos elementos constitutivos.

Pôsto isto, só nos resta agora apresentar o seguinte sucinto resumo das nossas afinidades lingüísticas :

No dialecto brasileiro observam-se generalizados alguns fenómenos fonético-morfológicos que no de Cabo-Verde só se verificam parcialmente, tais como :

- a) A prosódia aberta do *a* tónico.
- b) A queda das líquidas *l* e *r* finais.
- c) A queda do *s* designativo do plural dos substantivos.
- d) A vocalização do digrama *lh* em *i*.
- e) A condensação do ditongo *ei* em *é* fechado.
- f) O plural indicado só pelos artigos.

Em Santo Antão pronuncia-se, como no Norte do Brasil, *muié*, *veio*, *foia*, etc., ao passo que nas outras ilhas: *mudjê*, *bédjo*, *fòdja*, etc.

A queda do *r* final dá-se entre nós, generalizada, só no infinitivo (*cantâ*, *bibê*, *partí*), e a do *l* em uma ou outra palavra.

À pronúncia brasileira de *amô*, *anê*, *mã*, corresponde a caboverdeana de *amôr*, *anel*, *mar*, *mal*, a-par-de *cudjê*, *Manê*, *pedjegã* (Fogo).

As duas consoantes permutam-se frequentemente, tanto num como noutro dialecto.

Seja-nos permitido aumentar a nossa documentação transcrevendo alguns vocábulos etimónica e semânticamente afins:

BRAS.	CABV.	PORT.
Assombrado	sombrado	atónito, aterrorizado por fantasma
Arreminado	reminado	teimoso
Chaboquêro	chabocado	grosseiro, mal aca- bado
Impalamado	palamado	parado, calmo
Massapês	massapê	terra escura e hú- mida
Matapasto	matapasso	planta
Merejar	melejâ	humedecer
Pinchar	pinchâ	empurrar
Quaje	quaje	quâsi
Riba	riba, ruba	sôbre
Rêxa	rêxa	rixa
Saluçõ	saluçõ	soluçõ
Sarvajidade	sarvajindade	selvajaria
Vregonha	brigónha	vergonha

NOTA

Tabanca — Um esbôço grosseiro de associação de socorros mútuos.

Batuque — Música, dança e canto, de que faz parte o tórno.

Tórno — Dança de atitudes e meneios obscenos.

Reinado — Grupo de três ou mais indivíduos que, transportando consigo uma imagem de N.^a S.^a, andam pelos povoados da ilha (Fogo), cantando, rezando e comendo à tripa fôrra.

Bandeira — Festa mais importante em tôda a ilha pelo dispêndio e duração. Consta de um ou mais pilões, canizade, baile, jantar de gala (pantagruélico em abundância, suculência e número de pratos), vêspera com TE-DEUM e cavalhadas.

Pilão — Grande almofariz de pedra, ou tronco de árvore, em que se prepara o milho. Tira o nome do pau com que se pisa e esfarela o grão. *Pilões* como parte da *bandeira*, é o acto de se preparar o *xerém* para a festa, ao som das *chabetas*, *colexas*, *cantigas* e tambor.

Chabeta — Compasso palmeado.

Colexa — Acompanhamento com baquetas no bojo do pilão.

Canisade — Mascarada (de encamisade).

- Jabacoso* — Curandeiro, feiticeiro.
(Orig. af.)
- Bambu* — Pôr ou trazer às costas sôbre os rins.
(Orig. af.) Silva Bastos dicionarizou *bambum* como substantivo; mas é verbo com o pronome m' inclítico. Não confundir com *bambu*, planta, de origem malaia.
- Morna* — Música, dança e canto; compasso quaternário, atitudes languês, andamento vagaroso. O insigne poeta José Lopes atribui-lhe origem inglesa. V. os sonetos a págs. 63-64.
- Manilha* — Música semelhante à *Morna* que a destronou.
- Manduco* — Cacete curto. Arma ofensiva e defensiva, por excelência, do camponês da ilha do Fogo. De marmeleiro, raiz de tamarindo, etc., tira o nome da árvore da Guiné assim chamada.

III

Por adequado ao carácter dêstes estudos, julgamos de inteiro cabimento nesta altura o seguinte panorama da literatura brasileira, recortado e abreviado de um discurso que devia ser proferido na Câmara Municipal da Cidade da Praia, em sessão (que se não realizou) de homenagem aos Avia- dores Barros, Braga, Cunha e Cinquine, a quando da sua passagem, em 1928, por Cabo-Verde.

.
A literatura brasileira, resumo vivo da brilhante cultura da Grande República Sul- -Americana, exuberante de seiva e cachoante de sonhos, maravilha de fôrça, esplendor e glória.

Como um ténue fio de água vemo-la surgir, à afluência e ensino dos jesuítas, na época semi-bárbara da colonização, com a «Prosopopeia» de Bento Teixeira.

Vem pelo tempo afora. Aumenta a cultura humanista. Escuta-se, no coração do Brasil, em Minas-Gerais, a avena do suavíssimo Dirceu e a lira patriótica de Cláudio Manuel, mártires da Inconfidência.

Retroa a tuba épica de Santa Rita Durão, e à voz máscula de Caramurú casam-se as endeixas dolentes de Moêma.

Avolumada desce a corrente e, como o tempo, não pára.

Napoleão, cumprida a missão de disseminar pela Europa as doutrinas enciclopedistas, rende-se, e a Côrte Portuguesa regressa a Lisboa.

Então, lá nas margens do Ipiranga, retumba o brado de Independência ou Morte!

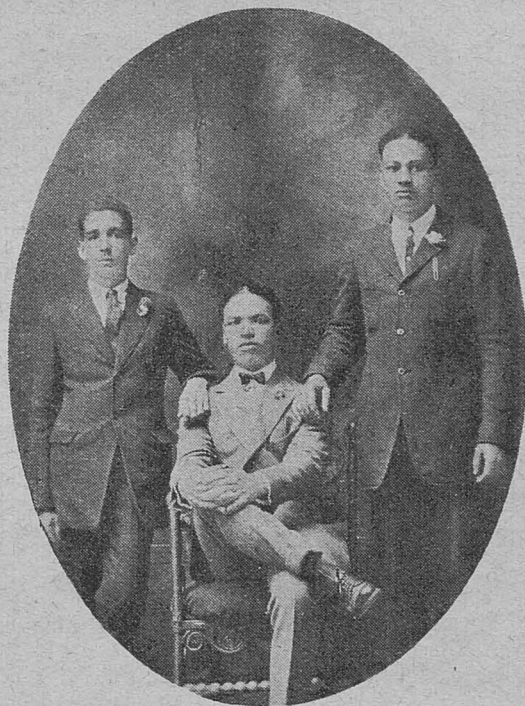
Reboa dominadoramente, de quebrada em quebrada, desde os pampas rio-grandenses aos vales amazônicos.

A Pátria estremece até ao âmago; electriza-se de entusiasmo e uma revoada de plúmitivos surge celebrando e apostolizando os mais levantados ideais.

O berço na nação embala-se ao ritmo dos seus cantares românticos.

De S. Caldas e G. de Magalhães a Casimiro de Abreu e Castro Alves, culminando

em Gonçalves Dias pela pureza da linguagem e correcção plástica do verso ; do operoso Manuel Macedo, do facundo Mon-



Caboverdeanos na América

talverne ao Visconde de Tunai e Raúl Pompeia, destacando-se vantajosamente José de Alencar, pelo colorido do seu estilo magnificante, que radiosa pléiade de prosadores e poetas !

Enchem meio século de sonoridades líricas, de ideias e doutrinas de emancipação humana.

Entanto, os patriotas da Regência, impeterritos timoneiros, entregavam o leme da nação a D. Pedro II, já homem feito, ponderado e sábio.

O barco segue impávido por entre Sila e Caribdes: jugulam-se as revoltas internas e vencem-se batalhas no Exterior.

A nação triunfa, e o glorioso Pendão Auri-Verde palpita, sob a benção luminosa do Cruzeiro, aos hinos de vitória.

Riachuelo é a cúpula da Epopeia estu-penda.

A corrente a mais e mais se avoluma.

Nova pléiade de prosadores e poetas, mais cuidadosos da forma, mais profundos no pensamento, combatentes, vigorosos, entram na liça e triunfam em tôda a linha.

São os troveiros homerianos que acrescentaram à lira de oiro dos românticos uma corda de bronze para os cantos sociais.

É Lúcio de Mendonça, é Valentim de Magalhães com Júlia Cortines à frente; são os jornalistas Luís Gama, Bocaiúva, José

do Patrocínio e o portentoso Rui Barbosa.

Entrementes e em seguida, acodem ao rebate Teófilo Dias com as FANFARRAS, Augusto Lima com as CONTEMPORANEAS, Alberto Oliveira com os POEMAS, o impetuoso Marat com as ONDAS, R. Correia com as ALELUIAS, Vicente Carvalho com os POEMAS E CANÇÕES.

E no coronal dêsses indígetes, eleito e reconhecido príncipe pelos próprios émulos, destaca-se a figura apolínea de Olavo Bilac, trazendo nas mãos as ofuscantes POESIAS, onde há arrulhos de pombas e bramidos de oceano.

A-par-de êsses e tantos outros mais, ouve-se a voz enlevadora de Francisca Júlia da Silva no labor de brunir os seus MÁRMORES imperecíveis.

A um canto, isolado, à sombra cariciosa de grandes árvores amigas, trabalha um beneditino: é Machado de Assis, o fino humorista de QUINCAS BORBAS e D. CASMURRO.

O quadro ainda não está completo.

Refinada injustiça fôra olvidar os vultos venerandos de Mendes Teixeira e Benjamim

Constant, de Silvio Romero e José Veríssimo; os dos mestres de Filologia e estrénuos paladinos da linguagem, Mário Barreto, João Ribeiro e Silva Ramos.

Não esquecerei também os moços escritores da actualidade, entre os quais, quer na arena da imprensa, quer na tribuna parlamentar, quer vibrando a lira multicolorde, há já nomes feifos, aureolados de glória, como Luís Carlos, Gilberto Amado, Ronald Carvalho, Menoti del Picchia, Guilherme de Almeida, Murilo de Araújo, Olegário Mariano, etc.

Entre todos êsses nomes gloriosos e brilhantes, dois há que ocupam, a-par-de Olavo Bilac, lugar especial, proeminente, na galeria dos prosadores: Coelho Neto e Euclides da Cunha.

Coelho Neto, imaginação ferosa, paisagista esplendoroso, é um Amazonas na fase remançada, reflectindo na superfície vastíssima das águas as florestas colossais que lhe orlam as margens e o azul do firmamento coalhado de estrêlas.

Euclides da Cunha, o malgrado autor dos SERTÕES, prostrado na pujança da vida por uma bala traiçoeira, é também

um Amazonas, mas ainda torrente bravia e impetuosa, galgando e derruindo as arribas, estrondando poderoso e fecundo.

Olavo Bilac, Coelho Neto e Euclides da Cunha, eis compendiada nestes três nomes expoentes a admirável literatura brasileira, resumindo e espelhando tôda a vasta e prodigiosa cultura da egrégia Nação irmã.

O humilde arroio, a cujas margens gemeu, há três séculos, o bucolismo de Dirceu, ei-lo feito hoje rio majestoso de ondas cantantes e cristalinas.

O horizonte é imenso e no firmamento radioso e profundo abre o Cruzeiro do Sul os seus braços de luz e abençoa a marcha ascensional da Pátria de Catulo e Tiradentes.

NOÇÕES ELEMENTARES DE GRAMÁTICA

FONÉTICA

O nosso alfabeto compõe-se de tantas letras quantas as da língua portuguesa. Na adaptação desta aos órgãos fonadores do africano, observam-se os seguintes fenômenos fonéticos:

Os grupos *ch* e *lh* soam *tch* e *dj* respectivamente; o *j* inicial como *dj*, e o medial, normalmente.

Há algumas exceções quanto ao último fonema, devidas à assimilação.

Só consideramos como exceção o fonema *dj* (*lh* e *j*), visto que o digrama *ch* se ouve com igual pronúncia em muitas regiões nortenhas da metrópole. Seja exemplo a frase consagrada: *Á entrada de Chaves*

achei uma chave de chumbo chapada no chão.

Note-se que o povo, cá como lá, distingue prosòdicamente a grafia dos vocábulos em que entra *x* ou *ch*, facto para ser ponderado pelos que ainda se obstinam em ver no dialecto caboverdeano uma miscelânea incongruente de vários idiomas. Assim, a par de *enxada*, *lixo*, *xerem*, ouve-se *inchaço*, *fecho*, *facho*.

A sílaba tónica persiste sempre, pôsto que algumas vezes se modifique a vogal ou degenerate o ditongo respectivo. Ex.: *Estômago* > *stango*, *mão* > *mon*, *leitão* > *liton*.

As vogais átonas, iniciais ou finais, caem geralmente, ainda quando protegidas por consoantes. Ex.: *António* > *Ntone*, *acabar* > *cabá*, *amizade* > *mizad*.

As outras vogais, sejam átonas ou tónicas, sofrem as seguintes modificações:

O *a* tónico, oral ou nasal, pronuncia-se sempre aberto, excepto nas terminações verbais e nos monossílabos. Ex.: *cása*, *câmpo*; *labá*, *cantá*; *cá*, *já*, *tá*. Esta excepção diz respeito a Sotavento e especialmente à ilha do Fogo.

O *e* átono altera-se em *i*. Ex.: *que* >

qui, beber > *bibê*; o tônico, quando aberto, mantém-se inalterado, menos na Brava; e quando fechado, oral ou nasal, pronuncia-se aberto em todo o Arquipélago. Ex.: *fê*, *capêla*, *belêza*, *canêta*, *bênto*.

O *o* tônico sofre modificações similares, mas não generalizadas, e o átono, não final, pronuncia-se fechado. Ex.: *Olávo*, *môtibe*.

O *i* e o *u* também se mantêm inalterados, menos quando formam ditongo com *a*, *e* ou *o*, com os quais se condensam. Assim: *ai*, *au* e *ei* em *a*, *ô* e *i*, quando átonos, e em *â* e *ê*, quando tônicos, respectivamente.

Das consoantes, *g*, *j* e *x* apresentam ligeiras modificações, que supomos devidas umas à influência do espanhol, e outras à prosódia dos primeiros colonos europeus, na sua quási totalidade analfabetos e de extrema rudeza. Ex.: gente > *guente*, geito > *guêto*, botija > *botixa*.

O *v* abranda-se em *b* geralmente. Ex.: vaca > *baca*.

* * *

Na linguagem popular extreme não há vocábulos exdrúxulos.

Na ilha do Fogo, por exemplo, apenas

se conhece um: *lâgoas* (lágrimas), cuja pronúncia ainda assim não é tam nítida que não deixe dúvidas.

De *chicara, ingreme, Tiófilo, Apolinário, dúvida, Câmara*, temos *chicra, ingre, Tiófo, Polinar, dubra, Cambra*.

Também se observam fenômenos haplológicos, notoriamente na toponímia da ilha do Fogo. Ex.: Casa cutelo > *Ca-cutélo*; Aleixo Gomes > *Lixe Gome*; Monte Tabor > *Montabor*; Rui Pereira > *Ruprêra*; Nossa Senhora da Luz > *Nô-siô-da-luz*; Cabo-Verde > *Cão-berde*.

MORFOLOGIA

SUBSTANTIVOS, ADJECTIVOS E ARTIGOS

Os substantivos variam somente em género, e os adjectivos nem em género nem em número.

Há, porém, excepções, sendo bem curiosa a seguinte:

Atribuem-se funções de acessório ao apelido, fazendo-o concordar com o nome ou, melhor, com o sexo portador. Ex.: Paulo Monteiro, Paula *Monteira*.

Há graus de comparação. O superlativo

é freqüentemente indicado pela pronúncia demorada da sílaba tónica, ou pela repetição do positivo (Epizeuxe).

Os artigos são também invariáveis em género e número. Dos definidos só existe o *a*, neutro e invariável, usado exclusivamente em contracção com a preposição *em*. Ex.: *na tchon, na mésa, na mar*.

PRONOMES

Pessoais: *me, bu, êl, nu, nhôs, és*. Variações: *ami, mi; bó, bo; él; nós, no; nhôs; és*.

Possessivos: *nhâ, di-mê; bu, di-bó; sê, di-sê; nós, di-nós; sês, di-sês > dés*.

Demonstrativos: *él, cusa, ês, quêl, quêste*.

Relativos: *quem, qui, unde, punde*.

Interrogativos: *aquel, cal, quenqui, que-nhê, cusé?*

Indefinidos: Os mesmos que em português.

VERBOS

Só tomam flexões designativas de tempos e modos no imperfeito do indicativo e particípio pretérito.

Os números e as pessoas são indicados

pelos pronomes pessoais que sempre acompanham os verbos,

O pres. do Ind. é perifrástico e forma-se com o auxiliar *stâ* e não raro com o acréscimo da partícula *tâ*. Ex.: *m' stâ cantâ* = eu canto; *m' stâ tâ canta* = estou a cantar.

A flexão *ba* do imperfeito do Ind., que não é mais nem menos que a desinência *va* da primeira conjugação, transmite-se por analogia às outras conjugações, ao todo cinco.

ADVÉRBIOS

Modo: *assim, sim, face* (depressa) etc.

Lugar: *li* (aqui, cá); *lâ* (ali, lá, além).

Tempo: *agó, góra, gó, gossim, antam, canto*.

Quantidade: *fêpo, chêu*.

Exclusão: *équi, téqui, táqui, can* (só, apenas).

Negação: *câ, nan, náu, ná* (não).

PREPOSIÇÕES

Pâ (por e para); *tê, tó* (até); *cô* (com); *sim* (sem), étimo dos adjectivos *sissim* ou *sissi* na acepção de «vazio».

A preposição *em*, que se pronuncia *im*,

só se usa em locuções como *de hoje em diante* ou em contracção com o artigo definido *a*.

CONJUNÇÕES

Copulativas: *co (e), ni, nim.*

Adversativas: *mâ.*

Disjuntivas: *ó (ou, ora).*

Conclusivas: *pôs, ampô, pô.*

Condicionais: *si.*

Causais: *pamode, pamó e mó (porque).*

Finais: *paqui (para quê).*

Concessivas: *ninqui (ainda que, embora).*

Temporais: *canto, óqui, sim-qui.*

Integrantes: *si e mâ (que).*

INTERJEIÇÕES *

Uai, árra, xatís, uache, ufú, xápe, ben-zadês, alál, alêm, alêl, jabúm, seló.

SINTAXE

Uma das razões que nos radicam no espírito o convencimento de que o dialecto caboverdeano é pura transformação do português quinhentista, apoia-se na perfeita identidade da sintaxe dum e doutro idioma,

como se verifica dos exemplos que ao diante apresentamos.

Há apenas a notar o facto de o complemento indirecto preceder sempre o directo ou objectivo. Motiva-o naturalmente o não uso de preposição indicativa das relações entre as palavras ou partes de oração. Ex.: *Pedro dá José um rologe; dá quêl pobre zimola.*

Na regência possessiva ou limitativa, só se emprega a preposição *de*, quando a palavra regida começa por vogal (canêta *de* ôro) ou quando oxítone a regente (chapê *de* pano), sendo substituída por um *l* paragógico nos demais casos (canêta-*l* prata).

A voz passiva forma-se como em português, sendo, porém, às vezes designada apenas pelo particípio, com a elipse do verbo auxiliar e, sempre, do agente da passiva.

Quando se pretenda indicar êste, há que empregar-se a voz activa.

II PARTE
(CANCIONEIRO)

A MORNA

Não procureis no ar desta palavra a origem,
Não é brando calor: é só dolência e pranto!
Traduz a languidez da nossa raça, o encanto
Dêsse vago sonhar que também dá vertigem.

A cantilena, a dança e o ritmo seus corrigem
Quaisquer erros por si, pois dizem «dor»: porquanto
Do «mourn» inglês vem morna, e é lamentar; e tanto
Que é o coração chorando... E que outra prova exigem?

«Mourner» é quem a canta, é «mourner» quem a dança.
Ela pode causar a síncope que cansa
E ela pode causar a síncope que mata...

Ela é o Pranto Antigo, a dor da nossa raça...
Ela é a alma de Eugénio, é a minha, onde perpassa
A unção da morbidez que em nós se fêz innata...

Do Jardim das Hespérides.

José Lopes.

MORNA

a JOSÉ LOPES

Morna! cálida voz da Volúpia que ensaia
A infável canção dos abraços e beijos
E, módula vibrando, em nossa alma se espraia
Em ondas de langor e musicais harpejos...

Morna! voz ancestral incendiada em lampejos
De esmeralda e rubins a um sol que não desmaia,
Nos peitos acordando ambições e desejos
De os cimos dominar de ideal Himalaia...

Morna! Mestre, não é, não, «só dolência e pranto!»
Se às vezes plange como o fado da desgraça,
Outras celebra a Vida: é de epopeia um canto!

Lídima filha, pois, da Trova Lusitana!
Traduzindo a alegria e «a dor da nossa raça»,
Em ritmo polariza a Alma Caboverdeana!

Pedro Cardoso.



Trevo crioulo

CRIOULO DO FOGO

I

Nha madrinha Lua Nobo,
Lua Nobo nha madrinha!
Déos crê óque nha birâ,
Nha achâ-m' noiba ó casadinha!

Nha madrinha Lua Nobo,
Que noba que nha traze-m' ?
Noba sabe, noba fede,
Nha dá-m' noba quêl arguêm!

Êl baba canto nha bá,
Nha voltá, êl é ca bêm!
Lua Nobo nha madrinha,
Que noba que nha trazê-m'?

Nha frâ-m' cumó nha dixá-l,
Se inda êl 'stâ pensâ na mi...
Ó Lua, jâ nha 'stâ-m' triste...
Nha calâ, m' ca crê obi!...

Ó Lua, ca nha frá-m' nada,
Nha dixá-m' 'norâ nha mal!
Pa m' sabê m'êl ca ta bêm,
Ma m' crê morré ta 'sperá-l'!

Lua, só nhá ma'l confiába
Segredo nha coraçam:
Nha ta frá-l pa êl lembrâ bem
Na que estado que êl dixá-m'!

Nha madrinha, que brigonha!
Agó 'xá-m' contâ nhá tudo:
Nôte, bés pa sê partida,
Nu drumí num cama junto.

Sete bês belha nha bá,
Sete bês noba nha bêm;
Sete carta já-m' 'screbê-l',
Ninhum êl ca raspondê-m'!

II

Déos dixá 'scrito na libro:
«—Pâ bu tem paz e legria
Bu tem de ganhâ com honra
Bu sustento cada dia.»

«De manchê tê noticê
Trabalhâ sempre co gôsto.
Pôm más sabe ê quêl massado
Co sôr quente de bu rôsto.»

Ó nha lancha «Busca-Bida»,
Terra ingrato já falí...
Déos frâ: «Pô môm, m' tâ juda-bo.»
Sê fala ca ta mintí.

Bêm fiado, «Busca-Bida»,
Bêm, nu bá na mar pô môm!
Mar de Déos, ê de nós tudo,
Campo largo si malhom!

Ó bento ca bu sér mau,
Bêm judâ-m', mâ dibagar!
De dia soprâ de terra,
De nôte soprâ de mar!

Graças a Déos que ta da-no
Nós sustento cada dia!
Lobado seja pâ sempre,
Padre-nós, Abe-Maria!

III

Morgado de unha reado,
Dunde bêm tanto riqueza?
Sê trabalho que ta dê,
Nhô ê ladrom de probeza.

Nhô ê rico, mi ê probe,
Ma mi m'ca probe ninguêm.
Mi ê probe de Nhór-Dês,
Que pa dâ, só êl que têm.

M' ca 'nbejâ ninhum riqueza,
Bum ó mal li-m' ta passâ.
Mas Déos jâ dâ-m' nha saúde,
Que fazê ca ta fartâ.

Nhô ê rico, mi ê probe
Nhô ê branco, mi ê préto;
Calquer dês ê ca grandeza,
Calquer dês ê ca difêto.

Nhô ê branco, mi ê préto,
Diferença só na còr.
Sér só branco ca ta dâ
Milhó preste, más balor.

Nhô crê, nu rasgâ nós beia,
Nu dixâ sangue corré.
Ê tudo brumelho igual,
De nhô ca más que de mê!

Nós questam ê só de pêle,
Carne e ósso ta jugutâ.
Nós tudo ê fêto de barro,
Ê ca mi, libro que frâ.

Nhô ê branco, mi ê préto,
Nhôr sim; ma nhô considrà:
Branco ê papel, mas sim tinta
Ê mudo, êl ca ta papiâ.

Nôs tudo nu bêm ês mundo
Pa quêl um caminho só.
Se nu ca más um de que ôto,
Tanto soberba pamó?

Nós tudo ê fêto de barro,
Nós tudo ê filho de Adam:
Nós tudo ta birâ lama,
Um Déos só que ta julga-no.

IV

Coitado quem dixâ sê terra,
Sêl dixâ nêl sê coraçam ;
Êl embarcâ pa terra longe
Sim sabê si al birâ, ó nam!

Coitado quem p'ês mar de Cristo
Cubiça têm chumá-l, lebá,
Pôs canto bês tem conticedo
Muto que bai ca boltâ má!

Coitado quem nim ta drumí
Sê coraçam ta descancâ:
Pa punde êl bai voz de sodade
Na obido 'stá-l' só ta chorâ!

Coitado quem na terra estranho,
Sim má, sim pá, sim jaraçôm,
Si êl dijijâ bêm pa sê terra
Ca achâ ninguêm pa dá-l' de môm!

V

Quem que imbentâ partida
Ca sabeba que era amor.
Bu bá, bu lebá-m' nha bida,
Bu dixá-m' móрто de dór.

Bu flá-m' adéos, bu dixá-m',
Na nôte de nha orfandade;
Bu bá conchê mundo sábe,
M' ficâ ta curtí sodade.

Nha crechêu canto imbarcâ,
Na quêl bejo dispidida
Êl sorbê-m', lebá-m' nha bida...
Ai de mi sêl ca bem má!

Quem casâ na terra 'stranho,
S'êl tem na dissé co quêm,
Ó êl ta sér inganado,
Ó êl ta inganá arguêm.

Nhô dê ó nhô dado bejo,
Cal ê más sabe, nhô frá-m' ?
Mi ê home confortado,
Tanto m' dê cumâ nha dá-m'.

Bu pidi-m', m' da-bo contente
De milhó que m' têm na mi.
Mi jâ m' ca têm más pa'm da-bo
Nim bó màs pa bu pidí.

M' dobrâ cabeça na peto,
M' sacutâ nha coraçam.
Êl frá-m' tâ chorâ maguado :
Morré sim, ma dixá-l nam !

Ta frado mulhê ê farso,
M'ê más farso que papél.
Ma Juda que bendê Cristo,
Era home, ê ca era mulhê.

Fortuna pamode ê fêma
Tem capricho de mulhê :
Quem que crê-l' êl ca mastê,
Quem que ca crê-l', ê quêl crê !

Coraçam, ôlho de guente
Ê dôs amigo leal:
Coraçam te sintí dôr,
Logo ôlho ta dê sinal.

Si m' sabia que ta buâ
M' ta alcansá nha disejo,
M' ta mandaba fazê asa,
Pamó pena m' tem sobejo.

Passadinha, pena azul,
Que igual ê nós condiçam!
Se bó bu tem pena na asa,
Ami m' tê-l' na coraçam!

M' sonhá ês nôte passado
Um sonho muto tribido;
M' sonhá ma m' 'staba braçado
Na forma de bu bistido.

Co pena m' pegâ na pena
Pa nha pena m' bêm contá-bo;
Co más pena m' largâ pena
Co pena m' ca podê olhá-bo.

Ês fichá-m' na sete chabe
Só pa m' ca olhá quem que crê;
Ma na 'spelho nha sodade
M' sa ta olha-l' cumâ um rê.

Nha coraçam ê um bidro,
Bidro fino na bu mom.
Se bu crê bingâ dél, basta
Bu dixà-l tombâ na chom.

M' palpâ na nha lado 'squérda,
M' ca sinti nha coraçom
Ma m' lembrâ na memo instante
Que êl 'staba dento bu mom!

VI

Ta flado que ôlho de guente
Ê 'spelho sê coraçam.
Ma mi dês que m' olhá nhá,
Que m' 'spiâ nhá, nha 'spiâ-m',
M' birâ ca ta creditâ
Cusa que flado ta flâ.

M' 'spia nhá lâ dento de ôlho,
Êl flá-m' chiga más li!
M' chigâ, ma logo, zangado,
Coraçam corrê co-mí.
Ninguem ca debê pô fé
Na que ôlho ta prometê.

Coraçam e ôlho de nhá
Ês ca amigo companhêro:
Um ta flâ «Sim», ôto «Ná»,
Qual ê dés más berdadêro?
Nunca ninguem debê crê
Na ôlho de guente mulhê!

VII

Bu flâ ma mi ê casado,
Casado ê lête tortôlho.
Bu boca mostra-m' inferro,
Ma céu ri-m' dento bu ôlho.

Pâ guente obi, co dispréso
Bu flâ ma bu mestê-m'.
Fala fede de bu boca
Pâ mi más sabe câ têm!

Casado ê fininge belho,
Casado ê ca arguêm até.
Mór de Déos! Ca bu flâ nunca:
«Dês ágo m' ca ta bibê!»

Ca bu papiâ soberba,
Filha, ê pecado mortal.
Mal que no fazê na mundo
Li mé que nu ta pagá-l.

Proguntâ, bu obi nha noba...
Inda m' ca 'nganá ninguem.
Jobê, bu ta achâ na mi
Tudo que soltero tem.

Cusa que tem mi ê casado,
Si ê libre nha coraçam?
Si nha crechêu ta magua-bo
Pedí Nhór-Dês pa matâ-m'!

VIII

Nhô cantâ, nhô framalhâ,
Nhô ta achâ-m' se nhâ jobê-m'.
Mi nunca m' ca sinti medo
«Ali nho lobo ta bem.»

«Nhô marrâ sancho de nhô,
Nhô xâ-m' nha cachó passâ.»
«Se quêto ca bulí queto»,
Sam cumâ m' bêm, m' tem que bá.

Nhô roncâ, nhô cuculâ
Cumâ mar de Bocarrom.
«Chuba pingo cratecrate
Ca ta pagâ poêra chom.»

OUTROS DITOS E DITADOS

Garê co garê ca ta ticê — corresponde a: duro com duro não faz bom muro.

Saco sissim ca ta saqué — traduz-se à letra por: saco vazio não se põe direito.

Jongotôdo ca ta pô na ragàs e marreco ca ta bambú — equivalem a, por exemplo: o protegido não pode dispensar protecção; ou a: «não faz sentido pedir esmola ao mendigo».

Tem co tem que ta fazê tem-tem e dê co dê que ta labutâ — têm por correspondente em português: cada qual com seu igual; lê com lê, crê com crê, etc.

Bento que ta lebâ pilom, balá ca ta ficâ — Vento que leve o pilão, primeiro levará o balaio. É que a corda parte-se sempre pelo mais fraco.

Bolombôlo ta birâ bôbra — emprega-se para significar que não se deve abusar do mais fraco, que a criança de hoje é o homem de amanhã.

Bolombôlo é a abóbora nova e tenra: emprega-se também como adjectivo na acepção de mimoso, nédio, macio, etc.

Tê ê rabo pôrco, ma êl ta bá mésa — A cousa mais insignificãnte tem seu valor. Tê bó! Até tu!
Expressão de menosprêzo.

Como se sabe, o povo da ilha do Fogo é de carácter independente e enérgico, mas franco e hospitaleiro.

Daí a arrogância que se lhe nota na expressão dos seus sentimentos, donde pretendem alguns concluir que a influência castelhana foi ali muito intensa e duradoura.

Se bu crê conchê «mordê de cempém (centopeia)», «que erba ê alho», ou «cumâ pirâm ta lebâ lête», são expressões de ameaça e desafio em que o fogueense exuberava «rajadôr» e «framalhêro».

VOCABULÁRIO

<i>Balá</i>	— Balaio, cesto.
<i>Bambú</i>	— Pôr ou trazer às costas.
<i>Bocarrom</i>	— Boqueirão, praia à entrada da cidade de S. Felipe, da ilha do Fogo.
<i>Béspra</i>	— Véspera.
<i>Chorona</i>	— Porosa.

- Conchê* — Conhecer.
Crátecrâte — Voz onomatopáica do som produzido pela chuva caindo em gotas grossas.
Cuculâ — Empolar-se.
Fêde — Desagradável.
Finingue — Trapos.
Framalhâ — Jactar-se (de «faramalha»).
Garê — Linha de algodão muito torcida, em contraste com «falê».
- Jobê* — Procurar (do Esp. «Yo veo» ou do Port. «lo ver»?) *Gé* significa «ver no mandingo».
- Jongotô* — Acocorar-se (orig. afric.).
Jugutâ — Comparar, saltar (orig. afric.).
Labutâ — Conviver, acamaradar.
Lambote — Barco de cabotagem armado em palhabote.
- Malhom* — Marco, malhão.
Manché — Amanhecer, manhã.
Manduco — Cacete curto.
Manilha — Música e dança, andamento igual ao da *morna*.
- Morna* — Música, dança e canto. Talvez importada do Algarve.
- Minti* — Falhar, mentir.
Pilom — Pilão.
Sacutâ — Escutar.
- Sampalhudo* — Alcunha por que são conhecidos em Santiago os naturais das outras ilhas.
- Saquê* — Pôr-se firme (de «estar quêdo»).
Sissim — Vazio.

- Tortolho* — Arbusto, cuja seiva produz comichão e «entorta o olho».
- Sancho* — Macaco. Ao animal, em que simboliza a preguiça, o povo deu o nome de um homem que porventura se teria condenado às penas do Profundo pelo muito amor ao sétimo pecado mortal.

NOTA

Aos que porventura estranharem não ver as *mornas* do saudoso e altíssimo poeta Eugénio Tavares integradas na presente colectânea, diremos que a inserção não se fez:

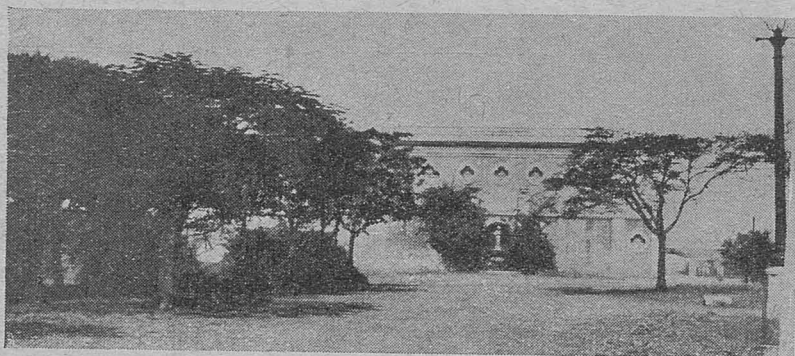
- 1.º porque fomos encarregados pelo insigne menestrel, pouco antes do seu falecimento, de editar a colecção completa das *mornas*, edição hoje a cargo da notável revista ulissiponense «DESCOBRIMENTO»;
- 2.º porque as produções em crioulo enfeixadas na referida colecção pertencem, pelo apuro da linguagem e superior ideação, exclusivamente ao lírico sublime que foi Eugénio Tavares e não à musa popular bravense.

Porquanto: A Brava, que se orgulha de ter sido o berço de poetas de larga envergadura como Guilherme Dantas, Rodrigues Aleixo, João Nunes, etc., nunca possuiu um cantador ou cantadeira popular, como os houve e há no Fogo e Santiago, na Boa-Vista e Sam Vicente.

Para evitar interpretação errônea ou mal-entendidos de críticos topa-a-tudo, cumpre declarar que as peças, que formam o florilégio que antecede, foram architectadas sôbre motivos populares, empregando-se o dialecto vulgar da ilha do Fogo, joeirado das correcções introduzidas pela filáucia dos que sabem ler e escrever.

Certo que o arranjo métrico pertence a quem escreve estas linhas, mas a invenção, o sentimento e a expressão, ao povo, a êle sômente.

Cuique suum.



Depósito de água — Montagarro — Praia

CRIOULO DE SANTIAGO

(Colaboração de ANTÓNIO CORTEZ)

PALAVRAS PRÉVIAS

Por obsequiosa deferência do nosso estimado amigo Sr. António Cortez, inteligente e simpático moço, a quem deixamos aqui consignado o público testemunho da nossa muita consideração e reconhecimento, apensamos gostosamente a colheita por êle realizada, a nosso pedido, de cantigas e ditos do povo santiaguense, conhecido *intra et extra* por *vadio*, vocábulo já recolhido por Silva Bastos no seu Dicionário Etimológico Prosódico e Ortográfico, 2.^a edição.

Apanhados em flagrante nos batuques,

directamente dos lábios das cantadeiras, revelam êsses improvisos, na sua ingénua rudeza formal, a índole lírico-satírica dessa raça humilde e forte, paciente e heróica, que vem sendo, há milénios, espoliada e martirizada, em virtude dessas e outras excelentes qualidades e do seu único e horrível defeito de ser negra.

Em complemento da nota de que aquele nosso prestimoso colaborador fêz acompanhar a sua inestimável *recolta*, e para auxiliar a sua leitura e compreensão, chamamos a atenção do leitor curioso para a divergência entre a prosódia do *vadio* e a do *sampalhudo* na emissão dos fonemas *r* e *rr*, e na acentuação dos verbos.

Dá-se no falar popular da ilha de Santiago, e até entre gente que sabe ler, a inversão dos valores fonéticos do *r* brando e do forte, e, ao contrário do que acontece no resto do Arquipélago, salvo poucas excepções, os verbos apresentam em todos os tempos e modos a acentuação grave, pronunciando-se, porém, vincadamente longa e fechada a vogal final, como no idioma castelhano.

P. C.

BATUQUE

O costume de cantar, acompanhando a cantiga de viola ou de cimbó, compassando-a com a *tchabeta*, é o batuque.

Se as cantigas variam, se os compassos variam e a própria dança, nem porisso se deixa de chamar batuque a dança do *tôrno* no *terêro*.

Existe, porém, uma espécie distinta, que se não devia classificar propriamente de batuque, porquanto, se é cantada no terreiro pelas cantadeiras, é, também, recitada pelas contadeiras de histórias:—é a *fiçon*.

Cantada, o compasso da *tchabeta* é quasi imperceptível; a viola acompanha à *surdina*, ou, sendo a cimbó, êste sufoca os gemidos. A cantadeira do meio do terreiro é quem

canta. Socorre-a, porém, uma das da *cumpanha* (côro e compasso), se a vê naufragar. Exclui o *tôrno*.

Finaçon, versos soltos, muitas vezes sem unidade métrica, improvisados ao sabor da fantasia, podiam chamar-se *confusão*. Algumas há não de todo destituídas de graça, e outras até envolvendo sentenças.

CIMBÓ

Aliando à sua rudimentar construção a propriedade de emitir tôdas as notas da escala musical, o cimbó é o acessório complementar do batuque.

Um bôjo de cabaça forrado de pele como tambor (o reflector dos sons), um braço de madeira terminado por uma caravelha, um cavalete e um arco em tudo semelhante ao da flecha, tendido por crinas untadas de breu, como de crinas também é a sua única corda vibrátil, — eis o estranho instrumento que nas mãos dum hábil tocador traduz em tôda a gama cromática a cadência da rapsódia crioula. Parece que modela as langurosas notas na sentimentalidade da alma *vadia*.

Se o fado encontra na guitarra o seu maior relêvo, o batuque completa-se com o cimbó. É êste a alma da função, a que imprime profundamente o cunho gentílico que caracteriza o batuque.

BATUQUE

Nho Duque, Marquês de Pombâl,
Pé na tchon, cabél na cabeça,
Sori graça, dente na boca,
Ára quéda, mó na dinhêro,
Nho dê-'n fi de cabél de nhó,
Pâ-'n manda 'ncantada Lisboa!

Nho Duque, Marquês de Pombâl!

Tâ sombra baxo
Pé de sabola,
Tâ dêta baxo
Pé de dinhêro;

Qui dê-'n ôro na calmã,
Qui dê-'n coráz na balâi!

Nho Duque, Marquês de Pombâl!
Faca tchítcha, ponta margura,
Baínha quato minina noba:
 Tchítcha nha Maian
 Co nha Má Samedá;
 Nha Bódja Corêa
 Co Xunxum d'Almeda,
Pretas djaraçon de branco!

NOTA

A grafia do nosso amigo e colaborador difere alguma cousa da por nós adoptada como a mais próxima da oficial portuguesa.

Assim, êle escreve *tchitcha*, *djentes*, isto é, sónicamente, o que reputamos desnecessário. Em inglês, por exemplo, escrevemos Child, James, e ninguém se engana na pronúncia.

FINAÇON

I

Probe na dimanda co branco
Ê cima cópo sem garafa,
Ê cima bóca sem bocado,
Ê cima sáia sem cordon.
Cássa d'algue[m] câ morada,
Porta d'algue[m] câ caminho.
Se minino parcê co mâi,
Mâi tâ dádje, fídjo tâ 'nbiâ.

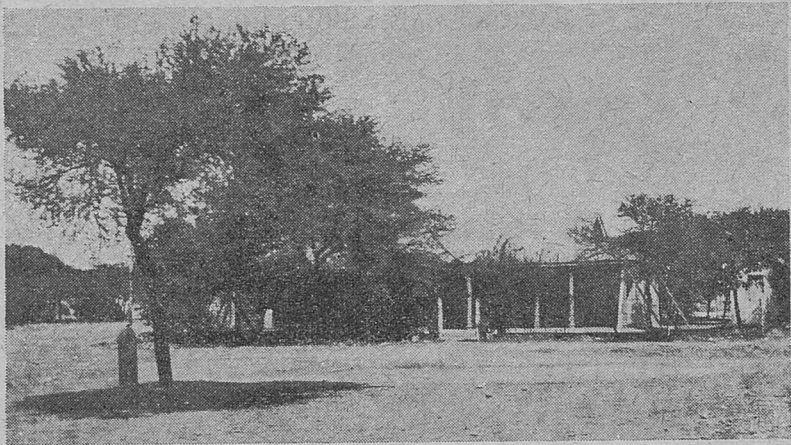
Dgêntes Rubêra Séca:
Home séco, mudjêr torado,
Minino tudo tâ pêga lume.
Dgêntes Tcháda Baxo:
Minino fêio, camissa xúxo,
Xêrem cru, n'bondge margós,
Cuscus bédjo, lête só ágo;
Dâ-'n codjêr de pá de cabrito,
Cabrito mágro tôrna só laime,
Caldo tâ sírbi de mantêga.

II

'N câ fidjo mamurinha,
'N câ pinton de galinha,
Que tâ comé mál comêdo,
Que tâ bêbe mál bebêdo,
Que tâ dêta mál dêtádo ;
Amí quê loron 'spadjigado!
Fémia que cossiâl tâ comêl,
Mátcho que lançâl tâ codjêl!

Quem que cré gôza de galinha
Bendê galinha, cumpre camissa
Ô pô minino trás de galinha :
Ôque minhôto dê um zás,
Minino dê um grito,
Monteador dê um tiro,
Cutchin Mende tambê tâ dê!
Quem que cré gôza de cabálo,
Ê dêl padjêta co talôte
Mandiôca bédjo!

Na subida ê mondôdo,
Na dixida ê 'stendêdo,
Riba tcháda largâl corda!



Estação rádio-telegráfica — Praia

DECLARAÇÃO DE AMOR

Ê nhâ! 'n ôdja nhâ sâi lâ,
coraçon dâ-'n pan,
disconfiança flâ-'n pâ-'n câ...
pamó bambá nhâ câ tâ...
Nhâ flâ-'n SIM certo,
ô NÁU cráro,
na sumana qui mudjer tâ cré,
quê pâ-'n trâ tchapêu
pâ-'n pô boné,

pâ-'n pode distrinça co badío.
Termode se nhâ ê cassado
nhâ da-'n perdon;
se nhâ ê soltêro,
nhâ dâ-'n palabra
ti na sumana segunda fêra.
Nâ nhâ cássa in tem
sâis pé de mandioca:
Dôs pâ mi,
dôs pâ nhâ,
dôs pâ nhâ mâi! (1)

(1) O santiaguense, sendo, como fica dito, o menos evoluído dos seus irmãos, excede-os, no entanto, em dedicação e gratidão para com a mãe. Nunca a esquece. Admirável!

Mágua tâ mingua si bu parti-l'.
Mágua tâ quírce si bu xinti-l'.

Se mundo pâpia pamó nho cála,
Nho dêxa'l pâpia tê pêrde fála.

Tempo de pinha arnégo nona;
Santcho sabido tâ búscá mona.

Alguêm mostrá-bo m'êl ê fadjádo,
Sâbe promêro s'ê dá-bo fiádo.

Home sanhádo, mudjer d'algúêm,
Fáze de conta mâ ês câ-têm.

Se nhó ê rico, nós ê iguâl,
Amí nhâ probe djâ-'n pôde co-âl.

Hóme suzudo discúnfia d'êl,
Catchor caládo câ muto fiel.

Sábe di ôche, féde manhã;
Dia têm nôte, têm palmanhã.

Bédja de barba, rapáz madjádo,
Fémia câ-bâle, mátkho ê danádo.

Se alguém dexá-bo sábe si gôsto,
Câ bu tem pressa nâ bêja'l rosto.

GLOSSÁRIO

Arnego	arrenegar
Bitolado	regulado
Bonge	espécie de feijão
Catchor	cachorro
Calmã	cabaça
Cuscus	farinha de milho cozida a banho- -maria
Cossia	cozinhar
Codje	colhêr (apanhar)
Dádje	bater (de <i>dar-lhe</i>)
Fadjado	franco
Laime	camada gelatinosa de carne
Loron	rolão
Mamurinha	epidemia no gado — murrinha
Mó	mão
Mondodo	dobrado, encolhido
Margòs	amargoso
Nho Duque	senhor Duque
'Nbia	marrar
Pedjeta	parte superior da cana sacarina
Santcho	macaco
'Spadjgado	espalhado
Tchabeta	compasso do batuque
Xuxo	sujo

APÊNDICE

MORNAS DE CABO-VERDE

(Piano)

MARIA ADELAIDE

Moderato ♩

Piano

p

I II

p D.C. al fine

Adelaide

OH! BAI, JÂ BU TRISTE!

(De EUGÉNIO TAVARES)

Piano

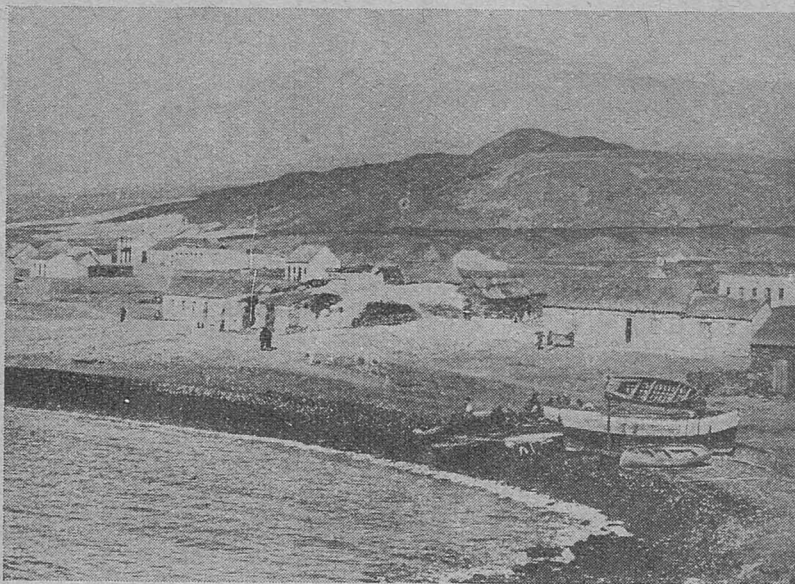
The musical score for 'OH! BAI, JÂ BU TRISTE!' is written for piano. It consists of three systems of music. The first system has a treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). The melody is in the right hand, and the accompaniment is in the left hand. The second and third systems have a treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). The melody is in the right hand, and the accompaniment is in the left hand. The score ends with the signature 'Oliviera'.

TARDE DA AGUADA

(De EUGÉNIO TAVARES)

Piano

The musical score for 'TARDE DA AGUADA' is written for piano. It consists of three systems of music. The first system has a treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). The melody is in the right hand, and the accompaniment is in the left hand. The second and third systems have a treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). The melody is in the right hand, and the accompaniment is in the left hand. The score ends with the signature 'Oliviera'.



Pôrto da Praia

MORNAS

CANÇÕES CRIOULAS

Isto não é pròpriamente um artigo crítico ou informativo, senão uma ligeira observação à margem do livro, cujo título encima estas linhas, e nota destinada ao nosso trabalho FOLCLORE CABOVERDEANO, anunciado para o Natal do ano transacto, mas ainda *em poder do editor*,

por motivos que não interessam aos leitores dêste jornal (1).

As MORNAS, cantigas crioulas, de Eugénio Tavares, são nossas antigas conhecidas, tendo constituído um dos maiores encantos da nossa mocidade.

Editadas por iniciativa do ilustre publicista Osório de Oliveira, que nos honrou com o brinde de um exemplar, exalçando-o com uma dedicatória cativante, essas cantigas, bastante popularizadas em Cabo-Verde, não deslustram o nome lírico bravense, mas não representam a parte mais importante e melhor da obra de Eugénio Tavares.

O aparecimento da mimosa colectânea e as referências à ortografia adoptada, feitas no «Post-facio» que lhe apôs o benemérito paraninfo, impõem-nos o dever de dizer algo, definir a nossa atitude e explicar a nossa discordância.

Perante o autor, que nos fizera, por amistososa confiança, depositário do original, discordamos da publicação das MORNAS grafadas como ora saíram a lume.

(1) «A Mocidade Africana», de Lisboa.

Perante Osório de Oliveira, devotado amigo de Cabo-Verde e dos Caboverdeanos, apresentamos a nossa discordância sôbre as seguintes asserções do POST-FACIO ALHEIO:

a) que «os versos portugueses de Eugénio Tavares são pouco originais e menos poéticos...»

b) que «não se pode falar, verdadeiramente, do crioulo de Cabo-Verde, porque a sua pronúncia varia de ilha para ilha, e a diferente prosódia, diversa ortografia».

c) que «Eugénio, para chegar a uma fórmula ortográfica (?), seguiu a etimologia».

Antes de mais nada, cumpre assentar como positivo e certo, real e verdadeiro: — «Ninguém, em Cabo-Verde, ousa disputar a primazia a Eugénio Tavares, quer como poeta, quer como prosador.

Foi, incontestavelmente, aquilo que dêle afirmou o seu único émulo José Lopes: — O eco do próprio nome, um génio»!

Quanto à nossa humilde pessoa, sempre tivemos nele um amigo dedicado, um mestre e conselheiro leal e franco, e a nossa devoção à sua preclara memória só pode encon-

trar parelha na que um filho e discípulo extremo e grato consagra à memória dum pai ilustre e amado.

Não obstante, não deixamos de reconhecer que os seus surtos aquilinos como poeta lhe prejudicavam, por vezes, o labor comezinho do artista, desviando-o, conseqüentemente, das miüdezas lingüísticas.

Podemos asseverar que, mesmo escrevendo em português, nunca se preocupou com a ortografia.

A que adoptou nas MORNAS, indecisa, e por isso não lhe podemos chamar arbitrária, nada tem de etimológica.

Equivocou-se, afirmando-o.

As diferenças de pronúncia, menores que as existentes entre o Minho e o Algarve, não são tais e gerais que importem diversidade ortográfica: logo, o crioulo de Cabo-Verde, como corrupção do português, mas português popular quinhentista, é dêste que tira os seus fundamentos filológicos.

Baste um exemplo.

Escrever *ôjo*, *fijo*, *consêjo*, só porque o *j* inicial em muitos vocábulos crioulos se pronuncia como no inglês, não está certo etimològicamente, e revela o desconheci-

mento de que êsse fonema, que já vimos grafado por *dj*, quando *médio*, só pode ser representado na escrita do nosso dialecto pelo digrama *lh*.

Porque o *j* medial português mantém na prosódia crioula o seu valor legítimo e real, com algumas excepções entre o povo rude, onde soa às vezes como *x*.

Exemplifiquemos.

Os vocábulos portugueses *beijo*, *queijo*, *desejo*, *botija*, *feijão*, *caranguejo*, pronunciam-se em crioulo, geralmente, *bêjo*, *quêjo*, *disêjo*, etc.

A ortografia das MORNAS agrava a sua «incompreensibilidade» e dificulta a sua leitura... até para os Caboverdeanos!

IN-MEMORIAM

ANTÓNIO CORTEZ

Tendo falecido êste nosso prestimoso colaborador e encontrando-se ainda no prelo o *Folclore Caboverdeano*, impõe-se-nos o dever de, nas páginas embora últimas do livro a que êle forneceu inestimável contribuição, prestarmos à sua honrada memória o tributo da nossa eterna saudade e gratidão.

António Cortez desapareceu em plena mocidade.

Estudioso, alma vibrátil a tôdas as manifestações do Belo, compôs êle mesmo alguns poemas no dialecto crioulo, que testemunham eloqüentemente o nosso assêto: tinha decidida vocação para as Belas-Letras.

Reproduzimos duas composições extraí-

das do ramilhete com que nos brindara algum tempo antes de sua morte, e por elas poderá o leitor ajuizar da veracidade das nossas palavras.

Não damos a versão correspondente em português, com receio de lhes roubarmos um pouco do delicioso perfume de poesia que as impregna.

Convém notar-se que o saudoso extinto, apesar-de ciente da nossa opinião e desejo de uniformização gráfica, adoptou a ortografia sónica, como tôda a gente...

SOL DE BEDJIÇA

Sodade, ês mágua que Deus lança-no
Co mon de santo na coraçon,
Ê câ moléstia que tâ matá-no,
Pamóde ê crédo nôs oraçon.

Ânti de galo, cêo djâ co sol,
Pâ más qu'ê tarde, nôte fitchádo,
Sodade ê cima qu'ê nôs lançol
P'ê gazadja-no n' hora minguádo.

Na bóca tarde, sol tâ sucúra,
Ê cima 'spinho ponta quebrádo!
Sodade ê doença que câ têm cúra,
Ê mágua triste, más ê sagrádo.

S'ê nôs orbadjo d'alma ferido!
S'ê pensamento de mocindade!
Sodade, ês sombra de cêo caído,
Ê sol de bédjo, p'ês quênta idade!

MORNA

Grito sem éco dgêntes nôs téra!
Voz de sodade que nu tem n'alma,
Sodade d'alma cançado 'spêra.

Têm gana pâpia, cála co médo,
Têm gana dúrmi, fica cordado,
Têm gana d'ânda, pára saquédo.

Mágua nôs bida que Nhôr Dés trôca:
Cânta co lágua na cóba d'ôdjo,
Tchôra co graça na canto bóca.

Tôma recado que bu câ lêba,
Búsca caminho que bu câ cônche,
Ára co porta que bu conchêba.

Morna, nhâ dgêntes, ês qu'ê berdade:
S'ê sábe d'ôbe cima segredo,
Ê triste cânta cima sodade!

EUGÉNIO TAVARES

Um ilustre e autorizado amigo de Cabo-Verde disse-nos um dia com amargura:

— «Sois muito ingratos para com a memória do pujantíssimo panfletário e poeta Eugénio Tavares.

«¿Que haveis feito para o tornar conhecido e lembrado da geração vindoura?

«Inconcusso direito tem êle a que não deixeis cair o seu nome-lema «no negro vaso vil do esquecimento». —

A tam justa recriminação remordeu-nos a consciência; pois, ¿que fizéramos nós, amigo, discípulo e admirador do Homem, do Poeta e do Jornalista?

Apenas um insignificante artigo, publicado por ocasião do seu falecimento no já esquecido quinzenário «A Mocidade Africana»!

Aqui, o transcrevemos para alívio da nossa consciência e vergonhosa confirmação do juízo formulado pelo ilustre e autorizado amigo *nosso*.

* * *

«Está de luto a Musa Caboverdeana.

Escrevendo esta frase banal, afirmamos uma verdade inconteste.

O passamento de Eugénio Tavares, ocorrido a um do corrente, lançando em inconsolável viuvez a Espôsa querida e companheira extremosa da acidentada travessia, suscitou de improviso em tôda a Província, entre os amigos e admiradores do Poeta, o mais profundo pesar.

Ei-la emudecida para nunca mais a sua lira multicolorde e sempre afinada.

Mas Eugénio Tavares foi, além de poeta, um prosador vigoroso e brilhante, como o atestam os seus contos e novelas e os muitos e fulgentísimos artigos que deixou dispersos por revistas e jornais.

Cabo-Verde perde, pois, nêle um dos seus filhos mais ilustres e contrai para com a sua memória uma dívida sagrada, porque Eugé-

nio Tavares o amou deveras e altamente o engrandeceu com os primores do seu talento privilegiado.

Não sabemos o que pretendem, porventura, fazer as municipalidades da Província e, em particular, a da ilha Brava, sua terra natal, sempre e indefectivelmente estreme-cida.

Quanto a nós, o mais nobre e merecido monumento a erigir-se à memória do prócer caboverdeano, seria a publicação dos seus inúmeros escritos em prosa e verso, na maior parte ainda inéditos.

Quando, porém, as fôrças representadas pelas municipalidades nada promovam a tal propósito, estamos certo de que a «Mocidade Africana», no seio da qual sorriem tantas esperanças caboverdeanas, saberá cumprir o seu dever, e um In-Memoriam consagrará o insigne poeta e jornalista.

Praia, 5 de Junho de 1930.»

* * *

Em edição póstuma saiu e corre mundo o livro «Mornas», cantigas crioulas, de Eugénio Tavares.

Dentre as muitas *mornas* que deixou de incluir na colecção sobressai, pelo mimo e frescura, *Djam-crêbo*, que deve grafar-se «Já m' crêbo» e traduzir-se à letra por «Como eu te quero!»

Dela possuímos uma versão sob todos os pontos de vista perfeita, por Alguém que deseja ficar oculto sob o pseudónimo de Paulo Lagardère.

Em homenagem à memória do suavíssimo cantor bravense e em testemunho de muita simpatia e reconhecimento para com o seu delicado intérprete, inserimos o original e a respectiva versão.

E assim encerramos o nosso livrinho com chave de oiro.

Praia, 1932.

JÁ M'CRÊ-BO!

Já m'crê-bo ma m'ca ta flá-bo,
M' ta gardâ dento de mim,
M' ta 'ngachâ ês nha segredo
Co medo bu ca flá-m' sim.

Ma m'crê olhá-bo calado,
Guardá-bo na pensamento,
De que contá-bo ês nha amor,
Pa depôs bu dá-m' tromento.

«Náo» é ca sabe de obí,
É pior que maior dór;
Por isso bu ca'l conchê,
Bu ca'l conchê ês nha amor.

Triste, dixá-m' ficâ triste,
Sim certeza amá sim gôsto,
Antes triste de incerteza
Do que triste de disgôsto.

Eugénio Tavares.

AMO-TE!

Amo-te! Mas... não to digo!
Guardo, bem dentro de mim,
Tal segrêdo com receio
De que me negues um «sim»!

Antes te quero calada,
Guardar-te no pensamento,
Que saberes dêste amor
Para me dares tormento!

Um «não» é triste de ouvir!
É pior que a maior dor...
E, assim, nunca saberás
Que te tive tanto amor...

Se triste era, triste fico,
E sem certeza e sem gôsto...
— Que antes triste de incerteza
Do que triste de desgôsto...

(Tradução de *Paulo Lagardère*).

ÍNDICE

	Pág.
Prefácio	5
1460	9

I PARTE

Folclore caboverdeano	17
Cabo-Verde e Brasil.	33
Noções elementares de gramática.	53

II PARTE

(CANCIONEIRO)

A Morna	63
Morna.	64
Crioulo do Fogo	65
Crioulo de Santiago	
Palavras prévias	85
Batuque	87
Cimbó.	89
Batuque	90

	Pág.
Finaçon	92
Declaração de amor.	94
Glossário	98

APÊNDICE

Mornas — Canções crioulas	101
-------------------------------------	-----

IN-MEMORIAM

António Cortez.	109
Sol de Bedjiça	111
Morna	112
Eugénio Tavares	113
Já m'crê-bo!	117
Amo-te!	118

ALGUMAS
DAS
ÚLTIMAS EDIÇÕES



MARANUS

174, R. Márt. da Liberdade, 178
Pôrto - Tel. 2798

FLORBELA ESPANCA
AS MÁSCARAS DO DESTINO

Livro de contos. O primeiro em prosa desta ilustre escritora
1 vol. brochado, 10\$00. Edição para amadores, em linho,
numerada, enc. em percalina, 20\$00 esc.

DR. PEDRO VITORINO
ICONOGRAFIA HISTÓRICA PORTUENSE

Ilustrada, com 40 ótimas gravuras com reprodução de qua-
dros da época e uma fora do texto.
1 vol., capa ilustrada, 10\$00. Enc. em percalina, 15\$00 esc.

CAP. PINA DE MORAIS
AO PARAPEITO

Em França, foi a única obra portuguesa sôbre a guerra,
escolhida e traduzida para a Colecção *Combattants Euro-
peens*. 1 vol., 3.^a edição, bróchado, 10\$00 esc.

GEN. NORTON DE MATOS
A PROVÍNCIA DE ANGOLA

Só restam alguns exemplares encadernados. 1 vol.
em percalina, 40\$00 esc.

VENCESLAU DE MORAIS
RELANCE DA HISTÓRIA DO JAPÃO

Obra dum dos maiores nomes da literatura contempo-
rânea e duma oportunidade flagrante. 1 vol. brochado, 12\$00